

# Dossiê Temático

## Mídias digitais e suas implicações na vida cotidiana: contribuições antropológicas

**Carolina Parreiras (org.)<sup>1</sup>**  
Universidade de São Paulo

**Lara Facioli (org.)<sup>2</sup>**  
Universidade Federal do Paraná

PARREIRAS, Carolina; FACIOLI, Lara (orgs.). **Mídias digitais e suas implicações na vida cotidiana: contribuições antropológicas – apresentação ao dossiê.** *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 12 (29): 233-242, maio a agosto de 2025. ISSN: 2358-5587

<sup>1</sup> Antropóloga, doutora em antropologia pela Unicamp. Pesquisadora do Departamento de Antropologia da USP e coordenadora do Laboratório Etnográfico de Estudos Tecnológicos e Digitais (LETEC). O presente artigo foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processo 2021/06857-7.

<sup>2</sup> Socióloga, doutora em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos. Pesquisadora do Núcleo de Estudos de Gênero da UFPR e professora do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPR.

## Plataformas, dados e o lugar da antropologia digital

Desde 2020, com a pandemia de Covid-19, os estudos para<sup>3</sup> o digital, nas mais diferentes áreas e disciplinas, ganharam um renovado interesse. No primeiro ano da pandemia, uma de nós (Carolina Parreiras) organizou um dossiê na revista *Cadernos de Campo* em parceria com Beatriz Accioly Lins e Eliane Tânia de Freitas, no qual se recuperava brevemente a história do campo no país. Na Apresentação desse dossiê, foram lembrados alguns dos estudos que marcaram o campo – que vale sempre lembrar, começou a se desenvolver no Brasil desde o final dos anos 90<sup>4</sup> do século passado, coincidindo com a chegada da própria internet a um maior número de pessoas. A partir disso, nos anos seguintes, muitos destes estudos passaram a ser relidos e ressignificados a partir das novas conjunturas colocadas não apenas pela pandemia, mas pelos múltiplos avanços tecnológicos cada vez mais apropriados por nós em nossas atividades do dia a dia.

Ainda naquela Apresentação, havia o chamado urgente para a valorização da antropologia digital enquanto área de importância dentro da disciplina, batalha antiga que ganhou novo fôlego com a necessidade de uso das tecnologias digitais para praticamente todas as atividades da vida (e é sempre triste pensar que um campo tão potente só tenha ganhado seu devido lugar graças a uma emergência sanitária desastrosa como essa). Neste caso, algo notável não é simplesmente a robustez do campo, mas sua diversidade, na medida em que está longe de haver um consenso de perspectivas e de formas de lidar com o digital. Longe de ser um problema, acreditamos que isto atesta o quão sólida é a área da antropologia digital, marcada por diferentes escolhas e perspectivas teóricas, distintas relações com o cânone antropológico e múltiplas formas de realização das etnografias, com incorporação inclusive de técnicas computacionais em anos mais recentes.

Havia também, neste dossiê pandêmico, o convite de levar a sério a proposta de Christine Hine (2015/2020) de pensar a internet contemporânea a partir de três características fundamentais: cotidiana, corporificada e incorporada. Neste caso, esta proposta nos parece continuar válida, na medida em que temos visto o

<sup>3</sup> A ideia de “para o digital” vem da inspiração em Christine Hine, em seu livro *Ethnography for the Internet* (2015). A preposição “para” (*for*, no inglês) é um modo de fugir da separação entre pesquisas da internet (a internet não é um objeto único apreensível em qualquer pesquisa)/pesquisas por meio da internet (nem sempre as pesquisas ficam restritas apenas à internet), alargando o escopo para todas as incursões etnográficas que lidam de algum modo com o digital. Como Hine frisa ao longo do livro, a etnografia é uma “perspectiva adaptável” (p. 6) e, por isso, sempre pode ser moldada para as condições encontradas em cada pesquisa (o que é, sem dúvida, muito útil quando falamos de uma tecnologia em constante processo de mudança).

<sup>4</sup> É sempre importante lembrar o Dossiê *Antropologias@Web*, publicado na revista *Horizontes Antropológicos*, em 2004. Com organização de Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert, esse dossiê representa a primeira coletânea de artigos antropológicos sobre internet publicada no Brasil. Outra importante publicação a ser mencionada é o livro *Políticas Etnográficas no Campo da Cibercultura* (2016), lançado com o selo ABA Publicações e organizado por Jean Segata e Theophilos Rifiotis. Este livro, ainda que mais recente, resgata a importante atuação e contribuição do GrupCiber, primeiro grupo de pesquisa brasileiro dedicado ao estudo do “ciberspaço e cibercultura” e formado em 1996, para a constituição do campo que hoje estamos nomeando de antropologia digital.

acirramento da presença da internet e dos variados artefatos e dispositivos digitais em nossas vidas - bem como a processos de desigualdade quando há a ausência ou a intermitência dos mesmos, haja vista a necessidade cada vez mais constante de seu uso.

Como parece evidente, pontuava-se ali uma série de deslocamentos fundamentais não apenas para a área específica de estudos para o digital, mas para a disciplina como um todo. No caso do dossiê *Mídias digitais e suas implicações na vida cotidiana: contribuições antropológicas*, que agora apresentamos, há, mais uma vez, uma série de inflexões e deslocamentos que tentamos sumarizar nesta apresentação.

Ainda que, logo no título apareça o termo “mídias digitais”, algo fundamental no conjunto de artigos que o compõem é a preocupação de pensar as mídias sociais também como plataformas, o que tem implicações não apenas teóricas e metodológicas para o campo de pesquisa, mas também políticas. Utilizamos, neste texto a definição dada por danah boyd (2015) à social media (mesmo que ela pon-tue a falta de precisão do termo): “conjunto de ferramentas, práticas e ideologias” que surgiram da explosão da chamada bolha .com e que estão diretamente ligadas às “dinâmicas sociais, técnicas e de negócios” que originaram o que ficou conhecido como web 2.0. Ao final de seu breve ensaio, que é parte do primeiro número do periódico *Social Media + Society*, boyd reconhece que, se em certo momento, as mídias sociais foram vistas como resistência, este já não era o caso, sendo necessário pensá-las “entrelaçadas com o capitalismo neoliberal e com a vigilância de dados”.

Entendemos que, nos 10 anos que separam este texto do momento em que escrevemos este manuscrito, o cenário se tornou ainda mais complexo. Neste sentido, o ponto que gostaríamos de advogar, ancoradas nos artigos que compõem o dossiê e em dados robustos de pesquisas empíricas, é que todas as mídias sociais hoje são também plataformas tanto no sentido estrutural e técnico quanto no simbólico e prático. Mas o que isso significa?

No mesmo volume citado acima, Tarleton Gillespie (2015) inicia seu artigo com uma sentença potente e cada vez mais urgente: “plataformas importam”. Com isso, ele argumenta no sentido de aproximar os estudos de mídias sociais dos estudos de plataforma, algo que entendemos também como fundamental e, nos parece, cada vez mais indissociável. Neste caso, os estudos de plataforma têm apontado questões que nos ajudam a compreender o cenário atual em que estamos vivendo, bem como o que está sendo nomeado como plataformação e datificação da vida.

O conceito de “sociedade de plataforma”, proposto por José van Dijck *et al.* (2018), destaca como as plataformas digitais não apenas mediam, mas ativamente produzem as estruturas sociais contemporâneas. Nessa perspectiva, as plataformas são encaradas como agentes modeladores do tecido social. Ademais, os autores ressaltam que a operação dessas plataformas é guiada por lógicas corporativas e ditames neoliberais, o que inevitavelmente contesta seu caráter público e desmistifica qualquer noção de neutralidade.

Ao contrário, o que temos são plataformas proprietárias, que enfraquecem cada vez mais os sentidos de público – e acrescentaríamos de democracia, liberdade, diversidade, igualdade, soberania – e que respondem aos interesses de grandes corporações de tecnologia (as *big techs*). Assim, podemos caracterizar essas plataformas como opacas, uma vez que sua estrutura interna é obscura. Não

temos clareza sobre o funcionamento de seus algoritmos, os critérios reais de moderação e checagem de fatos, ou sobre os fins mais amplos para os quais os dados que incessantemente fornecemos são utilizados.

Desse entendimento deriva a ideia de plataformização que, para além de um termo banalizado e do senso comum, remete a uma “ferramenta conceitual crítica” (POELL *et al.*, 2019: 4), que pode ser definida, de acordo com Poell *et al.* (2019: 5), como a penetração de infraestruturas, processos econômicos e arcabouços governamentais de plataformas em diferentes setores econômicos e esferas da vida. E, na tradição dos estudos culturais, entendemos este processo como a reorganização de práticas culturais e imaginações em torno das plataformas<sup>5</sup>.

Nesta lógica, o dossiê consolida um conjunto de investigações etnográficas que situam as plataformas digitais para além de um paradigma meramente instrumental. Os estudos aqui reunidos as concebem como infraestruturas relacionais dinâmicas e ativas, que se imbricam profundamente com a tessitura da vida social, reorganizando, por vezes de forma radical, as experiências cotidianas. Além disso, há uma atenção detida aos contextos, algo fundamental às boas incursões etnográficas e que, no caso do digital, evitam o risco de cair no que Paola Ricaurte (2024) chama de “modelo universal de digitalização” (que é uma herança colonial aplicada ao digital). Ao contrário, o que vemos nos artigos do dossiê são apropriações muito particulares do digital e das tecnologias, sem qualquer pretensão de universalismo.

Por meio de um olhar antropológico sensível à materialidade digital – e não apenas aos usos, o que já algo costumeiro nas etnografias que lidam com o digital – os artigos demonstram como esses ambientes técnicos, longe de serem cenários passivos ou ferramentas neutras, reconfiguram as próprias bases materiais, simbólicas e afetivas do trabalho, do político, do comunitário e do íntimo.

Esta reconfiguração é analisada através de um duplo movimento estruturante, central para a Antropologia Digital. Em um primeiro eixo, evidencia-se como as arquiteturas algorítmicas e os modelos de governança das plataformas operam como “máquinas de ontologia social”: elas codificam, reproduzem e intensificam assimetrias sociais pré-existentes. Esta dinâmica é ilustrada pela materialização de um racismo algorítmico que segmenta e hierarquiza corpos racializados no trabalho sexual digital, e pela lógica da “precariedade organizada” que força motoristas de aplicativo a desenvolverem, de forma tática, complexos sistemas paralelos de proteção e comunicação – uma etnografia das culturas de improvisação no capitalismo de plataforma.

Em um movimento contrapontual e igualmente fundamental, o dossiê explora como esses mesmos espaços digitais se tornam palco para práticas de subversão e reinvenção social. Aqui, a antropologia revela a “agência digital” de atores sociais que se apropriam criativamente das tecnologias. É o caso da ressignificação da burocracia estatal como instrumento de justiça social em redes comunitárias de internet, um exemplo de “infraestruturação *from below*”. De modo ainda mais radical, as corporalidades drag são examinadas enquanto “montagens ciborgues” que, através de suas estéticas e performances, dissolvem criativamente as fronteiras convencionais entre o orgânico e o digital. Estas práticas não apenas desestabilizam categorias tradicionais de gênero, classe e geração, mas

<sup>5</sup> Tradução nossa. No original: “the penetration of the infrastructures, economic processes, and governmental frameworks of platforms in different economic sectors and spheres of life. And in the tradition of cultural studies, we conceive of this process as the reorganisation of cultural practices and imaginations around platforms”.

também performam epistemologias outras e constroem comunidades afetivas que desafiam as gramáticas normativas inscritas nas próprias plataformas.

Dessa forma, o dossiê não apenas cartografa um campo, mas oferece uma contribuição vital ao demonstrar, etnograficamente, que o digital constitui um lugar antropológico por excelência – um terreno onde se travam disputas fundamentais sobre a produção do humano, do social e do político na contemporaneidade. Acreditamos que a leitura do conjunto de artigos do dossiê e da tradução de Daniel Miller trará um retrato parcial do campo da antropologia digital no Brasil nos últimos anos. Sobretudo, irá mostrar seu fôlego, sua inventividade e as muitas formas como fazer etnografia foi resignificada nos vários universos digitais que serão apresentados nas próximas páginas.

Nossa esperança, como organizadoras do dossiê, mas sobretudo como pesquisadoras deste campo, é que este seja mais um incentivo para novas produções. Mais ainda, que seja, como propõe Nina da Hora (2025), “esperança”, entendida por ela como um “gesto político”, que talvez nos ajude a, enfim e definitivamente, “hackear” as lógicas altamente exploratórias e coloniais a partir das quais as big techs e suas plataformas nos cercam, vigiam e datificam.

## Os artigos

A partir de uma etnografia digital, o artigo de Núbia Ramalho, “*Negra putinha de quinta categoria*”: pensando sobre racismo algorítmico no camming, investiga, através de uma etnografia encarnada no camming brasileiro, como o racismo algorítmico e estrutural opera nesse mercado de trabalho sexual digital. A pesquisa demonstra como plataformas como o Câmera Privê reproduzem e intensificam hierarquias raciais através de mecanismos como sistemas de tags que marginalizam corpos negros, algoritmos que priorizam a moderação financeira sobre o combate à violência racial, e dinâmicas de visibilidade que privilegiam performers brancas. O estudo conclui pela urgência de políticas antirracistas nas plataformas, apontando a necessidade de reestruturar sistemas algorítmicos e criar mecanismos que garantam equidade racial no trabalho sexual digital.

O artigo *Tecendo redes: burocracia, criatividade e justiça social no contexto de redes comunitárias de internet*, de Vitória Santos e Milena Cramar Londero, analisa etnograficamente como a burocracia (linguagem técnica, procedimentos institucionais) atua como barreira à inclusão digital em projetos de conectividade comunitária. A partir de sua experiência no projeto “Conectividade Significativa Centrada em Comunidades”, as autoras argumentam que a burocracia é também um campo de disputa e criatividade, onde práticas como mediação cultural e tradução de normas podem resignificá-la como ferramenta de resistência e justiça social.

No artigo *Além da comunicação: as mídias digitais como estrutura do fazer político contemporâneo*, Vitória Santos e Valentina Fonseca da Luz argumentam que a platformização reconfigurou profundamente a prática política. Através de uma etnografia do perfil de Instagram de Pablo Marçal, as autoras demonstram como a interação entre algoritmos, economia da atenção e performatividade afetiva gera um regime político emergente: o populismo digital. Neste regime, a autoridade é construída pela adaptação às lógicas das plataformas, onde identidades políticas híbridas (como a de Marçal, que mescla coach, empreendedor e político) se tornam centrais, substituindo filiações ideológicas tradicionais por estéticas de vida e marcadores visuais de pertencimento.

O texto *Materialidade feminina em disputa: usos da ciência e o estatuto da verdade na reivindicação da imutabilidade do sexo e do gênero em campanhas digitais*, de Luis Phillipe Nagem Lopes, Júlia Freire de Alencastro e Elaine Reis Brandão, analisa como movimentos digitais antitrans (como o Movimento Infância Plena) utilizam alegações de "ciência" e "verdade" para impor uma visão biológica e imutável do sexo e do gênero. A principal contribuição do estudo é demonstrar que as plataformas digitais são atores centrais nessa disputa, e não meros palcos. A pesquisa conclui que a "materialidade feminina" é contestada por meio de uma verdade performática, reforçando normas cisheteronormativas e evidenciando a crucial interface entre algoritmos, produção de conhecimento e ativismo reacionário.

Em *Montadas em Bytes: Corporalidades Drag e a Ciborguização da Existência*, Rafaela Oliveira Borges investiga como artistas drag constroem suas personas por meio de um circuito integrado que une objetos materiais (como maquiagem e roupas) e tecnologias digitais (como filtros e redes sociais). A pesquisa argumenta que a "montação" é um fenômeno que transcende o palco, estendendo-se para o digital, onde os corpos se tornam dados e avatares. Por meio dessa análise, o trabalho demonstra como essas corporalidades desestabilizam dualismos tradicionais (como natureza/cultura e humano/máquina), propondo que todos já somos ciborgues, seres cuja existência é mediada e ampliada pela tecnologia, a partir de uma perspectiva antropológica e decolonial.

O artigo *Segmentaridades digitais e moralidades em rede: mídias, circulação e julgamentos entre motoristas por aplicativos em Manaus (AM)*, de Hugo Fonseca Moreira, investiga como motoristas de aplicativo em Manaus utilizam redes digitais (como Zello e WhatsApp) para criar "equipes" informais como resposta à precariedade e à opacidade algorítmica das plataformas. Com base em uma etnografia, o estudo revela que essas redes são ambíguas: funcionam como dispositivos de proteção (através de alertas, códigos e "QRUs" – situações de socorro mútuo), mas também de fragmentação, marcadas por conflitos, julgamentos morais e disputas de reputação. A pesquisa demonstra, assim, como valores como coragem e lealdade são negociados nessas ecologias relacionais.

No artigo *Vizinhança conectada: uma etnografia do habitar digital na Zona Sul do Rio de Janeiro*, Caroline Martins de Melo Bottino investiga, por meio de uma etnografia digital de quatro anos em grupos de bairro da Zona Sul do Rio no Facebook, a formação de uma "vizinhança híbrida". O estudo demonstra como esses grupos, majoritariamente utilizados por adultos e idosos, se tornam extensões simbólicas do espaço urbano, onde os moradores negociam a convivência, compartilham informações e fortalecem o pertencimento local. A análise revela que essas plataformas permitem formas moduladas de interação social — da oferta de ajuda a debates e conflitos — sem a necessidade de um vínculo presencial profundo.

De autoria de Amanda C. Nery da Silva e Lara Rodrigues Facioli, *Rede de afetos: sociabilidade e sexualidade entre idosos no Facebook* investiga como idosos utilizam grupos no Facebook como espaços para vivenciar a sociabilidade e a sexualidade. Através da observação de um grupo com 60 mil membros, o estudo revela que a plataforma funciona como um ambiente catalisador onde os participantes negociam significados sobre envelhecimento, gênero e sexualidade. As interações, que incluem selfies, flertes e discussões sobre desejos, mostram uma sexualidade muitas vezes reinventada e "desgenitalizada". A pesquisa também destaca a existência de tensões morais, especialmente sobre o corpo feminino, refletindo duplos padrões de gênero. Sua principal contribuição é desconstruir a

visão reducionista que enxerga idosos online apenas como vetores de desinformação, destacando, em vez disso, a complexidade de suas sociabilidades afetivas e sexuais no ambiente digital.

Já no artigo *Formas emergentes de nacionalismo banal no contexto da guerra comercial global de 2025: participação on-line e compras como uma força definidora da identidade canadense*, Débora Krischke-Leitão e Nicolas Petel-Rochette analisam as formas como cidadãos canadenses, frente à guerra comercial promovida por Donald Trump, forjaram respostas e estratégias por meio do uso de plataformas digitais. Neste caso específico, as pessoas autoras partem de um grupo do Facebook, analisando publicações e comentários. O artigo articula a questão do consumo como forma de protesto e também a invocação de uma identidade nacional canadense, à qual as pessoas autoras dão o nome de “nacionalismo banal”. Por fim, discutem o uso de infraestruturas tecnológicas dos Estados Unidos (a Meta é norte-americana) para organizar boicote a este país, o que parece algo bastante contraditório.

O texto *A tecnologia como estratégia de cuidado durante a internação por Covid-19*, de Karinna Adad de Miranda compreende como as tecnologias digitais — especialmente celulares e aplicativos como o WhatsApp — foram apropriadas como estratégias de cuidado por familiares durante a internação por Covid-19. Em um contexto em que o contato presencial foi suspenso, a pesquisa revela como a comunicação mediada por dispositivos digitais permitiu reestabelecer laços afetivos, recuperar autonomia e manter a integração social de pacientes isolados. O estudo demonstra que o uso criativo dessas mídias transformou dispositivos técnicos em ferramentas de afeto, desafiando a noção de “tecnologias frias” e destacando seu papel central na reconfiguração das relações de cuidado em cenários de crise.

Isadora Zorzi, no manuscrito *O tecnosolucionismo como ativo político-eleitoral: uma análise das propostas para segurança pública na eleição de Porto Alegre em 2024*, analisa a adesão ao tecnosolucionismo — a crença em soluções tecnológicas como respostas neutras e inevitáveis para problemas sociais complexos — nas campanhas eleitorais de Porto Alegre em 2024. Através da análise antropológica dos planos de governo e das postagens no Instagram dos quatro candidatos mais votados, o estudo demonstra como a tecnovigilância (câmeras, reconhecimento facial, drones) foi mobilizada como ativo político-eleitoral na segurança pública. Os resultados revelam que, em maior ou menor grau, os discursos recorrem à retórica da eficiência e da neutralidade técnica, despolitizando a violência urbana e ocultando as continuidades de práticas históricas de controle social. A pesquisa evidencia a urgência de repolitizar o debate, destacando a falácia da neutralidade tecnológica e os riscos de aprofundamento de desigualdades.

Bruno Benichio e Cristiane de Melo, no artigo “*VOCÊ ESTÁ NA FILA DE ESPERA!*”: *Mecanismos de discriminação algorítmica e desigualdades em plataformas de relacionamentos sugar*, abordam as formas de discriminação algorítmica em plataformas dedicadas a relacionamentos *sugar*. Por meio de uma etnografia digital e da adoção de uma perspectiva que leva em consideração marcadores sociais da diferença como gênero, sexualidade, raça, idade e classe social, as pessoas autoras mostram como as plataformas adotam práticas algorítmicas que reproduzem e aprofundam assimetrias e desigualdades.

O texto *Nas redes sociais da conversão e da fé: dinâmicas de destransição de gênero e renúncia*, de Yuri Alexandre Estevão-Rezende e Nora Dalva Arantes Lima analisa como a “destransição de gênero” e a “renúncia à homossexualidade”

articuladas à conversão religiosa são performadas no Instagram e TikTok. A etnografia digital de dois influenciadores demonstra que as plataformas transformam essas experiências em processos públicos contínuos, que exigem documentação e encenação constantes. Um público engajado participa ativamente na regulação dessas narrativas através de comentários e reações. O estudo conclui que a plataformização dessas experiências as torna ferramentas em disputas morais e políticas contemporâneas sobre gênero e sexualidade.

De Mayllon Lyggon de Sousa Oliveira e Katia Lerner, o texto *Influenciadores, algoritmos e prevenção ao HIV: um mapeamento etnográfico da PrEP nas redes sociais* investiga a circulação de sentidos sobre a PrEP no Instagram, mapeando os agenciamentos entre influenciadores, instituições, algoritmos e hashtags. A análise revela um deslocamento da autoridade discursiva: de uma comunicação inicialmente institucional e biomédica para um ecossistema marcado pela ascensão de médicos-influencers, apropriações por mídias LGBTQIAPN+ e disputas morais. O estudo conclui que a visibilidade e os sentidos sobre a prevenção ao HIV são profundamente reconfigurados pelas lógicas da plataformização, tornando-se cada vez mais performáticos, neoliberalizados e tensionados entre a institucionalidade, o mercado e a cultura pop.

O texto de Felipe Padilha, intitulado *Desejo e poder nas interfaces dos serviços comerciais de busca por parceiros*, analisa etnograficamente o uso de aplicativos de busca por parceiros entre homens gays do interior paulista, demonstrando como essas plataformas mediam desejo e sociabilidade enquanto regulam corpos e subjetividades. Através de três eixos - mercantilização do afeto, performatividade de gênero e governamentalidade algorítmica - o estudo revela a ambivalência desses espaços digitais: ampliam conexões, mas reproduzem hierarquias sociais, funcionando como artefatos do capitalismo afetivo onde o desejo se torna objeto de gestão e valor.

De Igor Henrique Bonfim Carlos e Francirosy Campos Barbosa, o texto *Estratégias digitais de conexão: a representação do Islam e a atuação da FAMBRAS no Instagram brasileiro* analisa, através de uma etnografia virtual, como a Federação das Associações Muçulmanas do Brasil (FAMBRAS) e sua certificadora Halal (FAMBRASHALAL) utilizam o Instagram para representar o Islã no Brasil. O estudo demonstra que essas instituições empregam estratégias digitais para promover uma visão inclusiva da religião, combater a islamofobia e fomentar o diálogo inter-religioso. Suas publicações, que abordam desde valores islâmicos e práticas religiosas até o mercado Halal, buscam educar o público brasileiro, desfazer estereótipos e construir uma ponte cultural. A pesquisa conclui que o uso estratégico do Instagram por essas comunidades muçulmanas funciona como uma forma de resistência cultural, contribuindo para uma percepção mais informada do Islã na sociedade brasileira.

Para finalizar, apresentamos a tradução do artigo *Uma teoria de uma teoria do smartphone*, de Daniel Miller, que oferece um instrumental teórico valioso para refletirmos sobre a centralidade desses dispositivos na experiência humana contemporânea. Escrito durante o período mais crítico da pandemia de COVID-19, o texto desenvolve a metáfora do smartphone como uma “casa transportal”, um artefato tecnológico que opera simultaneamente em múltiplas dimensões: como veículo que nos transporta para diferentes esferas sociais, como portal que conecta realidades distintas e como objeto íntimo que carregamos constantemente conosco. Através dessa lente, Miller nos convida a compreender como es-

ses aparelhos reconfiguraram radicalmente nossas noções de espaço, tempo e sociabilidade, tornando-se infraestruturas fundamentais da vida social no século XXI.

## Referências

BOYD, danah. Social media: a phenomenon to be analyzed. *Social Media + Society*, 1 (1), 2015.

CARVALHO, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Antropologias@Web. *Horizontes Antropológicos*, 10 (21), 2004.

GILLESPIE, Tarleton. Platforms intervene. *Social Media + Society*, v. 1, n. 1, 2015.

HINE, Christine. *Ethnography for the Internet: embedded, embodied and everyday*. London: Routledge, 2015.

HORA, Nina da. Contra a métrica do mundo. *Stanford Social Innovation Review Brasil*, set. 2025.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. Platformisation. *Internet Policy Review*, 8 (4): 1-13, 2019.

RICAURTE, Paola. The digitalization imperative. *Dialogues on digital society*, 1 (1), 2024.

SEGATA, Jean; RIFIOTIS, Theophilos. *Políticas etnográficas no campo da Cibercultura*. Brasília: ABA, 2016.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; DE WAAL, Martijn. *The Platform Society: public values in a connective world*. Oxford: Oxford University Press, 2018.

VOLUME 13  
NÚMERO 32  
(MAIO/AGO. 2026)

**ACENO**

REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE  
ISSN: 2358-5587

CHAMADA DE ARTIGOS

DOSSIÊ TEMÁTICO:

**MASCULINIDADES, CURSO  
DE VIDA E CUIDADO**

**PRAZO FINAL  
DE SUBMISSÃO:  
30 DE MARÇO  
DE 2026**

COORDENADORXS:

DR. ESMAEL ALVES DE OLIVEIRA (UFGD)

DR. MARCOS NASCIMENTO (FIOCRUZ)

DR. CAMILO BRAZ (UFG)

**32**

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Mato Grosso

VOLUME 13  
NÚMERO 33  
(SET./DEZ. 2026)

**ACENO**

REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE  
ISSN: 2358-5587

CHAMADA DE ARTIGOS

DOSSIÊ TEMÁTICO:

**ÉTNOGRAFIA, ESCRITA DE SI  
E ESCRITA ENTRE OS SEUS:  
EXPERIMENTAÇÕES,  
DESAFIOS  
E POTENCIALIDADES**

**PRAZO FINAL  
DE SUBMISSÃO:  
30 DE JULHO  
DE 2026**

COORDENADORXS:

DR. DR. LEANDRO DE OLIVEIRA (UFMG)

DR. DR. FELIPE TUXÁ SOTTO MAIOR CRUZ (UFBA)

**33**

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Mato Grosso